

Público

05-09-2013

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Política

Dimensão: 260

Imagem: N/Cor

Página (s): 44

EDITORIAL

A perplexidade de Paulo Portas

O vice-primeiro-ministro defendeu em Maio que a *troika* deveria flexibilizar o ajustamento

Antes de Passos Coelho ter delegado em Paulo Portas as negociações com a *troika*, o agora vice-primeiro-ministro era bastante crítico em relação à inflexibilidade mostrada por “esses senhores da *troika*”, como eram apelidados pelo próprio Portas. É oportuno recordar duas ideias deixadas em Maio pelo então ministro dos Negócios Estrangeiros. A primeira é que Portas disse que compreendia bem a “perplexidade” dos portugueses que “ouvem as lideranças do FMI, BCE e Comissão Europeia com um discurso crítico sobre os limites de austeridade” e “depois não observam, nas equipas técnicas, suficiente flexibilidade que dê substância a esse discurso”. A segunda ideia é que Portas foi bastante claro ao dizer que o “CDS tem razão

quando afirma que o limite de 4% de déficit imposto para 2014, apesar da deterioração da economia europeia, pode ser difícil de atingir”.

Paulo Portas, agora vice-primeiro-ministro, está desde terça-feira em conversações com as três instituições que compõem a *troika* e na agenda está naturalmente o programa de resgate. Pensava-se que Paulo Portas iria levar na mala as suas “perplexidades” e exigir aos “senhores da *troika*” menos austeridade e uma meta mais realista para o déficit. Se levou estas inquietações, ainda não as tirou da mala. Como o PÚBLICO noticia hoje, o vice-primeiro-ministro não avançou de forma concreta em Bruxelas com nenhuma das reivindicações que tem vindo a fazer em termos de flexibilização.

Vai ser difícil para os portugueses, muitos dos quais partilham da perplexidade do vice-primeiro-ministro, ver Portas regressar sem ter feito uma reivindicação para flexibilizar o programa. Uma coisa é tentar e não conseguir. Outra bem diferente é nem sequer tentar e não ser coerente com aquilo que se defendeu no passado.

Espiaram-nos? Pois agora apoiem-nos

Não é muito comum, nem será decerto confortável, o Presidente de uma potência dizer para outro: espiaram-nos, agora apoiem-nos. Mas é mais ou menos isso que Dilma Rousseff, Presidente do Brasil, poderá dizer a Barack Obama, caso venha a existir um encontro entre ambos na cimeira do G20 que hoje decorre em São Petersburgo, na Rússia. É uma conjectura da *Folha de São Paulo*, mas as duas coisas (a espionagem e o apoio) podem conjugar-se no interesse do Brasil. Se Dilma conseguir que Barack Obama lhe peça desculpa pelo facto de a Agência Nacional de Segurança americana (NSA) a ter espiado quando ela era candidata à Presidência, somará pontos: é o Brasil a “falar” com os EUA de igual para igual. Nesse patamar, com a posição americana fragilizada, insistir com os Estados Unidos para que apoiem a velha ambição brasileira de integrar o Conselho de Segurança da ONU será uma jogada inteligente. Nas mãos de Dilma pode estar uma dupla vitória.